



Em pouco mais de 20 anos, Itapoã deixou de ser uma simples vila de pescadores

Itapoã: um bairro de participação popular

Até pouco mais de 20 anos atrás, Itapoã, em Vila Velha, era não como um lugarejo típico de pescadores. Mas, com a implantação dos conjuntos habitacionais a partir da década de 60, uma política intensificada nos anos seguintes, veio a descaracterização. E o bairro ficou heterogêneo, passando a abrigar operários, profissionais liberais, bancários, enfim, segmentos de classe menos favorecida até a classe média. Embora tenha aproximadamente 20 mil habitantes, praticamente não cresceu à nível comercial. Não existem bancos, apenas dois supermercados médios o que leva os moradores a se dirigirem a Vila Velha, ou mesmo a Vitória, para compras ou resolverem seus negócios.

Nos idos dos anos 30, quando começaram a chegar a Itapoã, os pescadores encontraram apenas mangue e capoeira. Alguns relembram que se dirigiam a Vila Velha através de trilhas abertas no matagal e que um lote com 500 metros quadrados valia 500 mil réis. E hoje, quando um metro quadrado de terra está a Cr\$ 3 mil, muitos pescadores já não se sentem motivados para a pesca. Reclamam a escassez dos peixes por causa da poluição, o que os obriga a ir mar a dentro em viagens de até seis horas. Alguns não fazem mais da pescaria sua única fonte de renda, alternando tal trabalho com o de pequenos comerciantes. Nos pequenos botecos de madeira à beira da praia eles têm uma alternativa de sobrevivência, pois se nem sempre o mar está prático, em todos os dias é possível faturar algum dinheiro no comércio.

AUTONOMIA E INDEPENDÊNCIA

Itapoã é um dos bairros vilavelhenses em que a participação popular é efetiva se comparada a outros locais. Em 1971 era fundado o Centro Comunitário, tendo a atual diretoria assumido uma postura de não atrelamento à Igreja ou a partidos políticos, como comumente acontece. Este princípio, segundo o presidente Aloísio Krohling, foi defendido ainda em fase de campanha, tendo-se como ponto fundamental a autonomia e a liberdade do movimento. "Embora haja diferenciação partidária entre os membros da diretoria e participantes do movimento, procuramos ficar aquém dos partidos políticos para que possamos atender a todos os grupos".

Entretanto, uma comunidade autônoma e independente, como ressalva, não significa estar contra um prefeito, por exemplo. Normalmente — afirmou Aloísio — os centros comunitários são atrelados à Prefeitura. Alguns presidentes enfrentam tantos problemas em seus bairros que se aliam aos prefeitos para solucioná-los. A gente acha que tem que trabalhar junto com os órgãos públicos, mas queremos ser ouvidos. Tudo que a Prefeitura fizer, ela tem que ouvir a comunidade.

Classificando o Centro Comunitário como um movimento civil aberto à participação de toda a comunidade, irrelevando-se aspectos como credo, coloração política entre outros, o presidente explica que o objetivo maior é dar ênfase aos grupos de trabalho. Existem os das senhoras que executam trabalhos manuais, o de jovens, o de esportes, o de ginástica feminina, o cultural e o religioso. "A diretoria faz questão de não centralizar as decisões com relação aos grupos. Tanto que se um grupo morre, espera-se espontaneamente que surja outro".

DEFICIÊNCIAS

Uma peculiaridade no bairro é a existência da Feira do Produtor, criada em março do ano passado e funcionando todos os sábados pela manhã na rua Beribazeira, próxima à sede do Centro Comunitário.

A feira foi instalada com o objetivo de eliminar o atravessador e as mercadorias — folhagens, frutas de ocasião, raízes, bananas, etc — são comercializadas pelos próprios produtores, a maioria do Município de Domingos Martins. E os preços por quilo dos produtos, sempre são Cr\$ 10, ou Cr\$ 15,00 mais baratos que os vendidos na feira de Vila Velha, como demonstrou pesquisa feita por membros do Centro.

As carências são muitas. A começar pela deficiente estrutura comercial; há falha no sistema de transportes e infra-estrutura. Nem todas as ruas são pavimentadas e há meses a comunidade luta pela limpeza de um valão de esgoto, e o fim dos mosquitos. Há pouco tempo, a Prefeitura obteve empreitada uma draga do Departamento Nacional de Obras e Saneamento (DNOS) e começou a limpar a vala. A máquina emperrou, logicamente os serviços foram interrompidos e os mosquitos continuam a molestar a população. Há quem diga que se não se tiver telas nas portas e janelas é impossível viver em Itapoã.

Observaram os moradores que é necessária a reestruturação do sistema de transporte do bairro, servido deficitariamente pela Viação Alvorada. Os poucos ônibus circulares da Verdun, tiveram o itinerário modificado, passando hoje por Santa Mônica e Vila Nova e demoram até uma hora até Vila Velha. Uma reclamação geral refere-se à integração tarifária dos sistemas coletivo e aquaviário, suspensa pela Alvorada no Governo passado. De acordo com Aloísio Krohling, a esperança da comunidade é que seja implantada uma Companhia Municipal de Transportes, conforme promessa eleitoral do prefeito Vasco Alves de Oliveira Júnior, pois desta maneira se resolveria o problema do transporte.

Mas apesar de existir em Itapoã uma certa mobilização dos moradores, o presidente do Centro Comunitário a classificou de pequena, "pois muitos preferem ficar em casa assistindo às novelas à irem às assembleias". Tendo oito conjuntos habitacionais,

Joaquim Nunes



foram poucos os mutuários — embora sofrendo as consequências do último reajuste — a entrar com ações na Justiça protestando contra o pagamento. A atitude para Aloísio Krohling, demonstra um certo comodismo e, principalmente, falta de liderança dos síndicos que creditam este posicionamento como algo contra o Governo.

Há inadimplência até mesmo quanto ao pagamento de condomínio, existindo caso de um conjunto onde tal dívida atinge a Cr\$ 3 milhões. Em seu entender, a situação econômica deveria levar os mutuários a fazerem pressão contra o BNH. "Acho que isto se deve aos longos anos de Governo militar e além disto à falta de tradição, de organização comunitária no Brasil. Sempre se teve um pai-patrão que resolve o problema, o que faz com que se deixe de lado a mobilização. E há ainda o problema de massificação dos meios de comunicação que também impede a mobilização".

Mas enquanto alguns não se propõem a sair do imobilismo, outros procuram realizar trabalhos em benefício de toda a coletividade. É o que se observa ao verificar propósitos como o de instalação do serviço de odontologia numa das salas do Centro Comunitário já se tendo solicitado à presidenta da Ucis, Rita Camata, a doação dos equipamentos necessários. Em setembro, terá início a campanha de construção de calçadas e a "Plante uma árvore em frente à sua casa", objetivando mais uma vez a mobilizar os moradores para a situação comunitária.

Os pescadores de Itapoã, residentes em barracos de madeira próximos à praia, vivem ainda hoje um impasse quanto à ocupação dos terrenos. Há dez anos atrás, como contou o pescador Valdemar Correia de Souza, de 60 anos, e há 42 no local, apareceu um requerente para a área e a questão até agora tramita na Justiça. "Naquela época, chegou aqui o senhor Antônio de Azevedo dizendo que todos os terrenos da beira da praia eram dele e quis tomá-los. A situação ainda não foi resolvida porque acontece que o homem tem proteção, já foi juiz. Mas, enquanto isto não se resolve, a gente vai ficando por aqui...".

Tempos atrás, os pescadores se reuniram e depois de receberem ajuda da Prefeitura e de algumas firmas de Vila Velha, começaram a construir uma sede para a sua colônia. Contudo, de acordo com o relato de Manoel Coutinho, de 54 anos, pescador desde pequeno, a obra foi embargada há dois anos "pelo tal dr. Azevedo". Era um terreno — salientou — que a gente vinha cultivando há 50 anos e só faltava bater a lage, na construção.

E embora alguns pescadores estejam buscando fontes alternativas de sobrevivência, como no caso dos que se transformaram em pequenos comerciantes, os que continuam no ramo, adotam uma política interessante e porque não dizer de exploração, quanto à venda dos peixes. Quando comercializam diretamente como atravessador, o preço é um; quando vendem para o consumidor o preço é outro. Por exemplo, o quilo de pescadinha é Cr\$ 350,00 para o atravessador e Cr\$ 500,00 para o consumidor, uma diferenciação média registrada na venda de todas as espécies. A explicação é bem simplista. O atravessador — expõe Valdemar — compra para revender e o consumidor já compra direto.



Aloísio Krohling, presidente comunitário